



CIÊNCIAS DIVINAS E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO HISTÓRICO MACKENZISTA

Oswaldo Henrique Hack

Pós-doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo e doutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Chanceler e professor titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RESUMO

A intenção primeira do Mackenzie College foi definir sua missão educacional dedicando seus esforços “às ciências divinas e humanas”. Fatores internos e externos não permitiram a concretização do objetivo das ciências divinas. Passado mais de um século, a Universidade Presbiteriana Mackenzie criou o Mestrado em Ciências da Religião na tentativa de um resgate da própria história institucional. O século XXI desponta com novos desafios, diferentes daqueles do século XIX quando o Mackenzie iniciou a sua história. Ciências Divinas ou Ciências da Religião, qual a melhor proposta para o mundo pós-moderno?

PALAVRAS-CHAVE

Ciências; Teologia; Religião; Educação; Evangelização; Presbiterianismo e Missão.

ABSTRACT

The first aim of Mackenzie College in its historical pathway was to identify its educational mission, granting special priority to human and divine sciences. However, internal and external factors did not allow that divine sciences might come true. Nowadays, with the creation of a master degree in religion science, the Mackenzie Presbyterian University rescues a century of own institutional history. The XXI century brought up with challenges lightly different from the first ones that faced Mackenzie University in its very beginning. Which is the best choice and proposal for this post-modern world between divine sciences and religion sciences?

KEYWORDS

Sciences; Theology; Religion; Education; Evangelization; Presbyterianism and Mission.

INTRODUÇÃO

Ao lançar a *Revista Ciências da Religião: História e Sociedade* como produção acadêmica do Mestrado da Universidade Presbiteriana Mackenzie, faz-se necessário considerar o contexto histórico, visto que desde os seus primórdios no século XIX os missionários presbiterianos buscavam oferecer as ciências divinas no programa educacional.

O longo período percorrido desde a intenção primeira e a concretização do plano representa mais de um século. Razões teológicas, eclesásticas, ou mesmo institucionais, não ofereceram condições para concretizar o propósito que, inicialmente, parecia tão claro e objetivo.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, nas comemorações do seu cinquentenário, cria o Mestrado em Ciências da Religião para atender às tendências contemporâneas de estudo do fenômeno do campo religioso. Hoje, busca-se estudar a teologia no contexto das ciências humanas e sociais, enquanto no passado distante os missionários presbiterianos pioneiros propunham o estudo das Ciências Divinas e Humanas como departamentos próprios e estanques da mesma instituição.

Até que ponto as Ciências Divinas da proposta pioneira podem ser identificadas como proposta do século XXI que levou o Mackenzie a inserir em seu programa de pós-graduação as Ciências da Religião? Analisemos o contexto histórico mackenzista, procurando entender a proposta atual do programa teológico e das Ciências da Religião.

1. PROPOSTA EDUCACIONAL

O binômio evangelização-educação fez parte da estratégia dos missionários presbiterianos norte-americanos. A propaganda religiosa estava atrelada à educação, principalmente à alfabetização. Ao analisarmos o cenário brasileiro, encontramos motivações que justificam a preocupação missionária. A propaganda religiosa protestante, como estratégia de evangelização dos povos, priorizou a alfabetização como o primeiro passo para a tomada de consciência. A fé protestante

firma-se nos escritos da Bíblia Sagrada e requer que o seguidor da doutrina tenha condições de buscar o registro dos fatos bíblicos históricos para estar ciente e informado. A religiosidade firma-se em mistérios, tradições e costumes, porém, a teologia cristã reformada leva o interessado a tomar consciência e a posicionar-se por convicção e não por tradição religiosa ou familiar.

Ao analisar o interesse dos missionários protestantes em relação à precária condição educacional do Brasil no século XIX, Mendonça (1984, p. 98) aponta razões plausíveis que nos ajudam a entender a proposta educacional que caminha junto com o plano de evangelização:

A carência de instrução podia ser um notável empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, todo colocado na leitura da Bíblia, livros, revistas, jornais, que logo começaram a ser publicados por iniciativa das missões [...] o livro e o discurso estão sempre presentes na prática religiosa protestante [...]. Daí, não ser difícil concluir que a evolução do protestantismo depende, em grande dose, da alfabetização de seus adeptos atuais e, em potencial, a criança.

A proposta das missões presbiterianas norte-americanas, perseguindo o binômio evangelização-educação, beneficiou o Brasil com o surgimento de dezenas de escolas de ensino fundamental e médio, nos mais longínquos recantos brasileiros, bem como em cidades estratégicas no contexto do desenvolvimento nacional. A história do Mackenzie, representado na época pela Escola Americana e Mackenzie College, traduz as intenções missionárias. Inúmeros autores analisaram a presença norte-americana no período em tela. Os historiadores Julio Andrade Ferreira (1959) e Vicente Themudo Lessa (1938) registraram a chegada dos pioneiros enfatizando a implantação do protestantismo no contexto brasileiro. Temos ainda a contribuição de Émile Leonard (1963), Boanerges Ribeiro (1981, 1987 e 1991), David Gueiros Vieira (1980) e Antonio Gouvêa Mendonça (1984), analisando o protestantismo diante da cultura e religiosidade brasileiras.

O relacionamento do protestantismo com o ensino brasileiro é abordado por Francisco Venâncio Filho. Fernando

de Azevedo (1996), em obra reeditada, aponta o Mackenzie como referencial da cultura e pedagogia norte-americanas, molas propulsoras do progresso do Brasil Colônia. Por outro lado, Jether Pereira Ramalho (1976) discute a prática educacional dos colégios protestantes e Osvaldo Henrique Hack (1985) enfatiza o relacionamento do protestantismo com o sistema pedagógico brasileiro.

O Mackenzie em seu contexto histórico posicionou-se por oferecer um programa educacional sem conotação de propaganda religiosa vinculado ao proselitismo. O pastor fundador, George Withehill Chamberlain, traçou o perfil confessional e pedagógico da Escola Americana:

A escola ministrará, antes de mais nada, educação evangélica nos moldes dos mais sagrados princípios da moral cristã e protestante; e, dentro desse conceito, fica excluído todo o elemento de propaganda religiosa na escola e limitada sua função às questões de moralidade ética, baseada no ensino de Cristo. (Garcez, 1970, p. 32).

O Mackenzie, ao definir a visão, missão e princípios institucionais, a partir de seu primeiro Planejamento Estratégico em 1997, respeitando suas origens e tradições protestantes, estabeleceu como visão estratégica:

Educar o ser humano para o exercício consciente e crítico da cidadania, preparando-o para a liderança, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, através do ensino e das atividades científicas, culturais, esportivas, sociais e espirituais.

Na definição de sua missão institucional, o Mackenzie manteve os mesmos ideais expressos nos termos estatutários desde as suas origens:

O Mackenzie, fundado em 1870 por missionários presbiterianos, convictos dos seus benefícios da educação na melhoria das condições sociais do povo, conservando as tradições do antigo estabelecimento inicialmente designado Escola Americana, depois Colégio Protestante e, posteriormente, Mackenzie College e Instituto Mackenzie, visa manter em ambiente de fé cristã, evangélica, firmada na Bíblia Sagrada, não só a educação básica,

continuada e teológica, mas também os cursos em todos os graus de ensino, inclusive formação profissional e atividades correlatas, abrangendo a pesquisa e a prestação de serviços inerentes à formação acadêmica, dando oportunidades às pessoas que, independentemente de sexo, raça ou crença, procurem suas escolas para obter instrução, educação e cultura. (ESTATUTO DO INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, 2000, Artigo 2º).

2. FORMAÇÃO TEOLÓGICA

A estratégia missionária norte-americana voltava-se também para a formação de uma liderança presbiteriana brasileira. A iniciativa foi do próprio pioneiro do presbiterianismo no Brasil, Ashbel Green Simonton, fundando o primeiro Seminário Teológico em 1867 na cidade do Rio de Janeiro.

A formação dos primeiros pastores foi atípica e circunstancial. O primeiro pastor foi o ex-padre José Manoel da Conceição, orientado doutrinariamente nos princípios da fé reformada, pelos próprios missionários Simonton e Alexander Latimer Blackford. Outros líderes foram preparados, como Modesto Perestrello Carvalhosa, Antonio Bandeira Trajano, Miguel G. Torres e Antonio Pedro, trazendo consigo uma formação religiosa diversificada. Alguns não tinham nem a formação secundária. Relatando o período preparatório observa Ribeiro (1981, p. 258-261):

O Rev. Schneider se encarregava da educação pré-teológica ou secundária; os estudantes traziam heterogêneo preparo: Trajano e Carvalhosa tinham freqüentado parte da escola secundária; Miguel era autodidata; Antonio Pedro tinha sido aluno de alguns padres, e, por último, padre José Manuel, em Brotas, sabia algo de gramática portuguesa, pouco latim e era maestro [...] aprendiam inglês [...] a partir do segundo ano, dedicavam-se aos estudos de formação pastoral propriamente ditos até o quarto ano, quando o curso seria encerrado. Aprendiam o grego, o professor era o rev. Carlos Wagner ministro luterano, que também lecionou História Eclesiástica. O rev. Simonton era professor de Teologia e Bíblia.

O método de preparação teológica adotado no Brasil seguiu a prática das Missões Presbiterianas em outros países, onde os missionários escolhiam e ofereciam os estudos aos seus candidatos. No Brasil o método foi provisório e precário nos primeiros anos do presbiterianismo. Por não haver currículo elaborado nem corpo docente definido, a experiência foi circunstancial e emergencial para atender à necessidade do momento, pois em 1870 encerram-se as atividades do chamado primeiro Seminário Teológico do Rio de Janeiro.

O período de 1870-1888 ficou indefinido e oferece poucas informações históricas para a formação teológica dos pastores presbiterianos. Manuseando as poucas fontes existentes, Vieira (2000, p. 78-84) informa que, após o primeiro Seminário Teológico criado pelo pioneiro Simonton em 1867, a Igreja Presbiteriana viveu um período de indefinição até decidir pelo estabelecimento de um curso acadêmico de formação pastoral em sua assembléia nacional em 1888, quando foi criado eclesiasticamente o primeiro Sínodo, e, portanto, a Igreja Presbiteriana do Brasil. A tentativa dos Presbitérios de São Paulo, em 1878, de criar critérios de estudos para os candidatos ao ministério evangélico, embora com a liderança de Eduardo Carlos Pereira, não foi acolhida como proposta de interesse de toda a comunidade presbiteriana. Por outro lado, em Pernambuco, segundo registro de suas atas, em 1888 surgiu a proposta de criação de um curso teológico, mais uma vez sem êxito (Ribeiro, 1981, p. 358; Vieira, 2000, p. 82).

Enquanto a Igreja Presbiteriana buscava caminhos para estabelecer o curso de formação teológica de seus pastores, com tentativas em Nova Friburgo – RJ e, depois, em São Paulo, novamente com Eduardo Carlos Pereira em 1895, criando o Instituto Teológico.

A outra iniciativa surgiu no meio acadêmico do Mackenzie College. O Mackenzie participa da história da formação teológica dos pastores presbiterianos desde 1875, segundo o registro de Pereira (1965, p. 4):

O Board de Nova York mantinha, em São Paulo, a Escola Americana fundada em 1870, e desde 1875 uma classe teológica anexa a ela. Havia nessa ocasião o projeto de fundar-se nesta cidade, sob os auspícios do mesmo Board, uma universidade

protestante que, modificada, tem a sua realização no atual Colégio Protestante ou Mackenzie. Julgava, por esse motivo Nova York, que São Paulo devia ser a sede do Seminário e este uma das faculdades da universidade projetada. Com este pensamento havia mandado o reverendo D. C. McLaren para lecionar teologia.

O professor McLaren continua a aparecer nos prospectos do Mackenzie College em 1885-1886 como o responsável pelo curso teológico, até que foi substituído pelo rev. Alexander L. Blackford. Na discussão dos conciliares eclesiásticos para definir onde seria a sede do Seminário Teológico, a opção foi pelo Rio de Janeiro: “O grupo opositorista, forte pelo número, pôs logo à margem o rev. D. C. McLaren e São Paulo, escolhido o rev. Blackford e o Rio de Janeiro” (Pereira, 1965, p. 65).

Mesmo com a decisão da Missão Presbiteriana de Nova York de construir um edifício para o internato de jovens candidatos ao ministério pastoral, a assembléia nacional da Igreja Presbiteriana optou por estabelecer o seu Seminário Teológico na cidade do Rio de Janeiro, afastando-se do Mackenzie:

[...] o fim do edifício que se acaba de construir no bairro da Consolação é receber os moços que se destinam ao ministério das igrejas eclesiásticas e ao magistério [...] o curso de teologia está a cargo do reverendo D. C. McLaren de harmonia com o Diretor Chamberlain (Prospectos, 1885, p. 1).

A decisão conciliar formal da Igreja Presbiteriana em rejeitar o projeto de ensino teológico do Mackenzie foi resultado de longos debates sobre a visão missionária de expansão do presbiterianismo, assim entendida pelos líderes nacionais. Encerrado o curso teológico no Mackenzie em 1888, ficou como marca indelével no espírito de seu diretor Horace Lane o interesse em perseguir os objetivos acadêmicos das ciências divinas. Quando do lançamento do primeiro edifício no *campus* Mackenzie em 1894, na pedra fundamental inscreveu-se: “Mackenzie College 1894, dedicado às ciências divinas e humanas”. Ainda no século XXI, encontramos essa frase secular no edifício Mackenzie em sua pedra fundamental, como sustentáculo da própria história.

3. ESTUDO DA RELIGIÃO SOB O PRISMA DA CONFSSIONALIDADE

A confessionalidade constitui-se hoje, no cenário acadêmico brasileiro, uma tomada de decisão importante. A identidade confessional revela os valores básicos que fundamentam as ações, rumo aos objetivos maiores da instituição. A confessionalidade institucional não pode limitar o estudo do fenômeno religioso nem restringi-lo aos parâmetros de um grupo específico, defensor de uma interpretação única do Cristianismo ou de movimentos religiosos. A confessionalidade direciona e estabelece as diretrizes institucionais para facilitar a identificação de suas ações.

Quando o Mackenzie procurou resgatar a sua identidade confessional a partir de 1997, trouxe à memória da própria comunidade o registro documental de que sempre houve confessionalidade, embora não percebida em determinados momentos históricos. Definiu, em sua visão e missão, a cosmovisão calvinista reformada, buscando identificar as ações de maneira mais visível e concreta.

A intencionalidade de marcar presença como instituição protestante desafiou seus dirigentes a reestudar e a resgatar a intenção primeira dos fundadores que almejavam um ambiente de fé cristã evangélica, dedicado às ciências divinas e humanas. A confessionalidade não seria efetivada nem reconhecida pela comunidade acadêmica, a não ser por meio de um projeto específico e direcionado. Iniciado o projeto, as primeiras ações efetivas resultaram na criação dos cursos de filosofia e teologia.

O projeto ganhou espaço acadêmico e a teologia firmou-se como Escola Superior de Teologia. Ela oferece oportunidade para os ingressantes que desejarem buscar no estudo dos fenômenos religiosos um espaço para pesquisa e reflexão no debate da pluralidade de idéias. Embora a Escola Superior de Teologia esteja identificada confessionalmente com as doutrinas da fé cristã reformada, oferece todas as condições acadêmicas, por meio do processo seletivo, para que o ingressante participe e se habilite no bacharelado, independentemente de seu credo religioso ou grupo ideológico. Criou-se uma Escola

para se estudar teologia e desafiar o estudante a pesquisar e discutir os movimentos religiosos do século XXI.

A partir de 1999, o Ministério de Educação avançou em suas resoluções quanto aos cursos de teologia, antes considerados cursos livres, sem reconhecimento acadêmico. Com o Parecer n. 241/99 do Conselho Nacional de Educação (CNE), as instituições podem criar cursos superiores de teologia, respeitando-se as diferentes tradições religiosas e as diretrizes confessionais.

O Parecer do CNE estabelece que:

- a) os cursos de bacharelado em teologia sejam de composição curricular livre a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas;
- b) os processos de autorização e reconhecimento obedeam a critérios que considerem exclusivamente os critérios formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infraestrutura oferecidas;
- c) o ingresso seja feito mediante o processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente;
- d) os cursos de pós-graduação *stricto* ou *lato sensu* obedeam às normas gerais para esse nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.

Portanto, as instituições religiosas podem legalmente oferecer cursos de teologia ou ciências da religião, preservando seus vínculos confessionais e suas características próprias, uma vez cumpridas todas as exigências estabelecidas para a criação dos cursos, na legislação brasileira.

4. PÓS-GRADUAÇÃO TEOLÓGICA NO CONTEXTO ACADÊMICO BRASILEIRO

A pós-graduação teológica é recente no meio acadêmico brasileiro. Poucos cursos de mestrado ou doutorado foram avaliados pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior). Os cursos aprovados pertencem à instituições públicas e privadas, com oferecimento maior pelas instituições confessionais, identificados como Teologia ou Ciências da Religião.

A denominação de curso de pós-graduação ainda merece uma análise mais ampla por ser polêmica. Para alguns autores há um abismo a ser transposto entre ciência e religião. A questão inicial relaciona-se com o nome a ser dado. Qual o mais adequado?

CIÊNCIA DA RELIGIÃO	CIÊNCIA DAS RELIGIÕES	CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	CIÊNCIA DAS RELIGIÕES
Um método científico	Um método científico	Vários métodos científicos	Muitos métodos científicos
Um só objeto	Vários objetos	Um só objeto	Muitos objetos

Donald Wiebe, ao tratar da ciência da religião, afirma que ela se destina àqueles que tratam a religião sem parcialidade ou preconceitos e que buscam a questão da verdade. Porém, a questão da verdade não é questão científica (Wiebe, 1998, p. 44-52). Por outro lado, Campos (2000, p. 16-21), ao analisar as fases e momentos na origem das ciências da religião, procura identificar as diversas interpretações e levanta questionamentos para o nosso contexto brasileiro:

- Estamos fazendo teologia ou ciências da religião?
- Como demarcar os limites?
- O estudo histórico, sociológico, psicológico e antropológico da religião deve ser feito da mesma forma que o estudo proposto pela teologia e filosofia com preocupações ecumênicas e pastorais?
- Como ligar a “verdade” da ciência? O estudo feito de dentro do fenômeno religioso (teologia) com o estudo feito de fora (ciências sociais)?
- Pode-se concordar com M. Meslini que “a essência do fenômeno religioso reside no geral e não no particular das experiências vividas”, o que embasaria uma abordagem científica do fenômeno religioso?

Temos muito que refletir e considerar na implantação dos cursos de pós-graduação teológica ou ciências da religião. Os nomes atribuídos pela Capes aos cursos implantados nas instituições brasileiras correspondem às áreas de concentração e linhas de pesquisa?

5. CIÊNCIAS DIVINAS OU CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A proposta de estudar ciências divinas, gravada na pedra fundamental do edifício Mackenzie, ainda hoje repercute como um desafio e uma pergunta: qual o seu sentido específico e o que imaginava Horace Lane, médico e diretor do Mackenzie: estudar ou pesquisar ciências divinas?

Os registros posteriores não contribuem para o entendimento da proposta, uma vez que o ensino teológico foi retirado da instituição em 1888. Passado mais de um século, o Mackenzie reabre o assunto, cria a Escola Superior de Teologia e, logo a seguir, o mestrado acadêmico em Ciências da Religião. O nome do mestrado poderia ser ciências religiosas, ciência do espírito, ciências bíblicas, ciências teológicas ou mesmo ciências divinas. De fato e de direito, quem deveria atribuir um nome ao mestrado que pudesse retratar o contexto histórico?

Ciências divinas, na verdade, foi um sonho acalentado por longo tempo. A realidade histórica do século XXI é o programa de teologia implantado, com oferecimento de graduação e pós-graduação. As Ciências da Religião oferecerão a visão de mundo da Reforma Religiosa do século XXI, sua influência na configuração religiosa e política do mundo ocidental, destacando elementos históricos, simbolismos e ritos, para reanalisar a religião, não apenas em termos de economia e mercado, mas como proposta de reflexão sobre o fenômeno religioso em suas relações com a sociedade brasileira. A área de concentração do mestrado destaca a religião, história e sociedade como temas centrais de estudo, considerando as interfaces que envolvem o ser humano em seus relacionamentos. As linhas de pesquisas definem os objetos de estudo e alvo maior do próprio curso: pesquisar-se-á o pensamento da Reforma

Protestante diante do desafio da pós-modernidade, na discussão dos fundamentos teológicos e filosóficos. Ao pesquisar-se o campo religioso brasileiro, diante da diversidade religiosa e heranças culturais na composição de miscigenação racial, buscam-se a presença e a influência da fé cristã reformada na formação da mentalidade brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil a pós-graduação ainda está dando os primeiros passos, diante da realidade acadêmica internacional. Os órgãos governamentais que orientam e controlam a educação superior sentem-se desafiados diante do novo cenário, principalmente quanto à identificação de nomes de cursos, áreas de concentração ou linhas de pesquisa. A área teológica é uma das mais polêmicas porque implica tradições religiosas e uma linguagem teologiquês, nem sempre entendida pelos técnicos ou especialistas que têm a difícil tarefa de avaliar programas e cursos.

Quando o oferecimento do bacharelado era entendido pelo Ministério de Educação (MEC) como curso livre, o nome dado às instituições com programas de formação pastoral experimentava uma diversificação ao sabor denominacional: instituto bíblico, seminário teológico, escola de teologia, instituto de teologia. Algumas instituições religiosas acrescentavam a palavra superior, para distinguir-se dos cursos de nível médio. Com o Parecer n. 241/99 do Conselho Nacional de Educação, o MEC regulamentou a criação dos cursos de bacharelado em teologia, a própria Comissão de Especialistas direciona as instituições a optar por nomes que indiquem cursos de nível superior, tais como: escola superior de teologia, instituto superior de teologia ou faculdade de teologia.

Os cursos de pós-graduação teológica vivem a nova realidade brasileira e submetem-se às sugestões e avaliações governamentais, sob pena de não concretizarem seus objetivos. No momento conhecemos no Brasil somente duas opções aprovadas para identificar os cursos: teologia ou ciências da religião. O debate poderia aprofundar-se para discutirem-se

outras opções como ciência das religiões, ciência da religião ou ciências religiosas. Por outro lado, a área teológica poderia ser entendida como ciências teológicas, ciências divinas ou simplesmente ciências bíblicas.

A recente experiência brasileira e a velocidade com que as instituições estão criando cursos teológicos de graduação e pós-graduação requerem mais reflexão e análise dos aspectos acadêmicos, para que o rigor da lei não mutile os programas nem as propostas religiosas se descuidem da qualidade do ensino acadêmico.

Ciências divinas foi uma proposta inovadora e desafiadora no século XIX, mas, ao ser inserida no programa educacional do Mackenzie, mostra-se infrutífera por razões já analisadas. Como o século XXI receberá os desafios para o estudo da teologia e dos fenômenos religiosos na mutante sociedade pós-moderna?

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 6. ed. Brasília: UnB, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *A problemática do estudo científico dos fenômenos religiosos – cientificidade e epistemologia da religião*. Anotações de aula. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.
- ESTATUTOS DO INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, São Paulo, 2000.
- FERREIRA, Julio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- GARCEZ, Benedito Novaes. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.
- HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- LEONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1963.
- LESSA, Vicente Themudo. *Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Editora Igreja Presbiteriana, 1938.

- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *As origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*. São Paulo: Livraria Almenara, 1965.
- PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, 1997.
- PROSPECTOS: Programa e regulamento do Instituto de São Paulo e Escola Americana (1885-1886), São Paulo, 1885.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Evangélica e República Brasileira*. São Paulo: O Semeador, 1991.
- _____. *A Igreja Presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.
- _____. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- VIEIRA, Adão Evilásio. *A educação do pastor presbiteriano no Brasil na sua origem, experiência pioneira do Seminário Presbiteriano do Sul*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2000.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.
- WIEBE, Donald. *Religião e verdade – rumo a um paradigma alternativo para o estudo da religião*. São Leopoldo: IEPPG, Editora Sinodal, 1998.